

Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

# A ironia e o grotesco na poesia de Christian Morgenstern e Sebastião Uchoa Leite

Paulo Andrade<sup>1</sup>

Damantha Barbarella Siqueira<sup>2</sup>

Korf erfindet eine Uhr  
die mit zwei Paar Zeigern kreist  
und damit nach vorn nicht nur,  
sondern auch nach rückwärts weist. [...]

Christian Morgenstern

**Titel:** Die Ironie und das Groteske in der Dichtung von Christian Morgenstern und Sebastião Uchoa Leite.

**Title:** Irony and grotesque in the poetry of Christian Morgenstern and Sebastião Uchoa Leite.

**Palavras-chave:** Christian Morgenstern; Sebastião Uchoa Leite; Humor e ironia; grotesco

**Schlüsselwörter:** Christian Morgenstern; Sebastião Uchoa Leite; Humor und Ironie; Groteske

**Key-words:** Christian Morgenstern; Sebastião Uchoa Leite; humor and irony; grotesque

---

<sup>1</sup> Professor Doutor de Teoria da Literatura na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP/Araraquara ; Email: pauloandrade@fclar.unesp.br

<sup>2</sup> Aluna graduanda em Letras com habilitação Português-Alemão pela *Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP/Assis* ; Email: damantha.barbarella@yahoo.com.br

Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

## Christian Morgenstern e Sebastião Uchoa Leite

Christian Otto Josef Wolfgang Morgenstern nasceu em 1871 em Munique, na Alemanha, atuou como escritor, tradutor, dramaturgo e jornalista. Em Breslávia, na Polônia, estudou Economia Política e, em Berlim, estudou História da Arte e Arqueologia, trabalhou como tradutor das obras de August Strindberg e Henrik Ibsen, como também redator e poeta, vindo a falecer em 1914 no Tirol do Sul, antiga área Austro-Húngara, atualmente cidade de Merano, na Itália, por causa de uma infecção pulmonar tuberculosa. (KRETSCHMER apud MILADA BOBKOVÁ, 2007: 6-15).

Poeta reconhecido na literatura alemã pela utilização de versos *nonsense*, irônicos e grotescos, Morgenstern é autor de “*Galgenlieder*” (1905); “*Palmström*” (1910) e outros volumes publicados postumamente como “*Palma Kunkel*” (1916); “*Der Ginzanz*” (1919) e “*Die Schmallmühle*” (1928); e uma edição especial chamada “*Alle Galgenlieder*” (1932).

No Brasil, o tradutor de alguns poemas morgensternianos é Sebastião Uchoa Leite (1935 – 2003), poeta, ensaísta e tradutor nascido Timbaúba (PE). Em Recife, estudou Direito e Filosofia, trabalhou na Rádio Universitária e no grupo “O Gráfico Amador” e codirigiu o suplemento literário do Jornal do Comércio. Entre 1960 e 2003 publicou dez livros de poesia e quatro ensaios. Além disso, ganhou vários prêmios, tais como Prêmio Jabuti de Poesia (1980), Prêmio Jabuti de Tradução (1998 e 2001) e Prêmio Portugal Telecom de Literatura (2003). (SANTA RITA, 2009: S/P.)

Como profundo conhecedor da *Weltliteratur* Uchoa Leite foi o responsável ao acesso de obras significativas do cânone universal ao público brasileiro, como a renomada tradução de “Alice no país das Maravilhas” (1865) e “Através do Espelho” (1871) ambos de Lewis Carroll, de Crônicas Italianas, de Stendhal; Poesia, de François Villon entre outros.

Ao longo de seus trabalhos como tradutor, Uchoa Leite incorpora em sua poética o grotesco e a ironia como elementos estratégico-textuais para a criação de um universo distinto. Deste modo, quando realiza suas críticas a respeito de outros autores automaticamente reverbera sobre si, nota-se deste modo, seu interesse nesses estilos de linguagens.

## O grotesco e a ironia na poesia

A ironia e o grotesco são constituintes estratégicos-estilístico da poesia de Christian Morgenstern e Sebastião Uchoa Leite. Segundo Beda Allemann (1970: 16), a ironia é analisada como princípio literário e define como: “Rein formalistisch die literarische Ironie sich als eine Redeweise definieren, in der eine Differenz zwischen dem wörtlich Gesagten und dem eigentlich Gemeinten besteht. [...] Die Ironie [...] gewinnt ihre spezifische Qualität daraus, daß die Differenz für die Eingeweihten (und eingeweiht ist jeder, der das Ironische einer Ironie überhaupt begreift) transparent wird”. Christian Morgenstern é conhecido como: “ein Ironiker par excellence“ (Ernst KRETSCHMER, 1983: 120).

Já para Beth Brait (2008: 16-17) a ironia é concebida como um uso linguístico capaz de dessacralizar o discurso oficial, que causa o desmascaramento de discursos considerados neutros. A ironia estrutura um ponto de vista no texto e a sua principal característica é que há uma dependência da perspicácia do interlocutor para que ela se concretize como significado. Desde modo, a ironia apresenta a exposição de expressões culturais e sociais de forma crítica.

O grotesco como estratégia textual pode criar personagens únicos com características próprias, muitas vezes pode ser recepcionado com estranhamento e desprezo, pelo seu interlocutor, por fugirem das regras da realidade, mas é justamente este efeito de rejeição e identificação com o seu lado “grotesco” que torna única a ideia de estar diante desta estrutura, podendo emitir uma sensação de (des)prestígio. Este efeito linguístico retrata que “[...] o grotesco é apenas uma expressão sensível, um paradoxo sensível, ou seja, a figura de uma não-figura, o rosto de um mundo sem rosto. [...]” (KAYSER, 2003: 9).

De origem italiana, a palavra “grotesco” (*la grottesca*) é uma variação de *grotta* (gruta), a qual tinha a finalidade de designar um tipo de ornamentação no fim do século XV, resultado de escavações em Roma primeiramente, e nos arredores da Itália. O grotesco é tomado como uma estrutura que se realiza no “mundo alheado”, uma vez que para a sua concretização é necessário que percebamos que aquilo nos é familiar e conhecido torna-se abruptamente sinistro e estranho. Este efeito do repentino e da surpresa geram efeito de desorientação e estranhamento. Deste modo, grotesco é definido como uma estrutura:

Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

Poderíamos designar a sua natureza com uma expressão, que já se nos insinuou com bastante frequência: o grotesco é o mundo alheado (tornado estranho). Mas isto ainda exige uma explicação. O mundo dos contos de fadas, quando visto de fora, poderia ser caracterizado como estranho e exótico. Mas não é um mundo alheado. Para pertencer a ele, é preciso que aquilo que nos era conhecido e familiar se revele, de repente, estranho e sinistro. Foi pois o nosso mundo que se transformou. O repentino e a surpresa são partes essenciais do grotesco. [...]” (KAYSER, 2003: 159).

No ensaio crítico intitulado de “No planeta de Morgenstern” (1983), de Sebastião Uchoa Leite, demonstra os limites recriados poeticamente e a arbitrariedade da linguagem da poesia morgensterniana, afirmando que:

um processo que se repete sistematicamente tem um sentido: ao contrário desses jogos parecerem simples brincadeiras, tudo indica que o poeta acentua (conscientemente) a relação entre o arbítrio da linguagem e o arbítrio do universo recriado pela sua poesia, e que não pode ser limitado ao único arbítrio das convenções sociais, mas algo mais amplo, nas fronteiras da indagação ontológica. (LEITE, 1983: 18-19).

Explorando a arbitrariedade da língua alemã, Morgenstern recria um universo peculiar, no qual o grotesco ganha relevo em sua poética, como, por exemplo, no poema *No planeta das moscas* (1983: 71) há a personificação da mosca e, para o estranhamento do interlocutor, o homem compartilha do mesmo ambiente: “No planeta das moscas, o homem / não se acomoda nada bem:”, pois, se trata de uma igualdade de valores em que o ser humano adentra o universo torpe e ainda desvaloriza o seu comportamento: “Só num ponto se mostram as moscas / aos homens superiores: elas não / nos assam em broas ao forno, / nem nos bebem por distração.” (Id. Ibidem).

Como, antes, já havia observado Anatol Rosenfeld (2007: 136), nos poemas grotescos de Morgenstern, há uma intenção sistemática de desagregar o conceito da realidade empírica a fim de abrir caminho para uma realidade superior. Para Rosenfeld só a palavra é capaz de fragmentar a vida em Eu e Deus, uma vez que:

[...] é ela que abre abismos que na realidade não existem... a palavra é algo infinitamente brutal... ela amassa milhões de relações, convertendo-as num montão de terra...’ Estamos perto da fonte dos versos de Morgenstern, quando lemos: ‘Por vezes te sentes assaltado por um veemente estranhamento em face de uma palavra: de repente se patenteia a completa arbitrariedade da língua... e, assim a arbitrariedade da nossa concepção do mundo’ compreendida na língua. Profundo ódio inspira-lhe a burguesia à procura de aconchego filisteu nos clichês lingüísticos: ‘Burguesa é, sobretudo, a nossa língua. Desaburguesá-la é a tarefa do futuro.’ (ROSENFELD, 2007: 136)

Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

O lúdico presente nas imagens associadas ao jogo linguístico resulta numa poesia que contém uma ética, que a partir de “coisas menores” se abrem para todo um questionamento sobre nossa condição humana, e para tal, não há limites para a construção de sentidos, visto que a sua falta faz-nos entrar no universo poético de Morgenstern, no qual, de forma geral, objetos possuem características humanas e personagens grotescos, suscitando no leitor a reflexão.

O poema “A caneta que transporta cultura” é bom exemplo dessa humanização dos objetos. A caneta, aqui no caso, representa o intelecto, e para tanto, a única maneira para manter-se em sobrevivência, é através da utilização da posição da caneta como sempre ereta, assim como o ser humano em pé, em oposição à maneira como um animal se apresenta, em relação ao homem. A verticalidade da caneta estabelece a relação entre o racional *versus* irracional, caneta *versus* animal. Trata-se de trocadilhos arbitrários ou (des)orientados, que criam um universo irônico em torno do ambiente burguês.

A CANETA QUE TRANSPORTA CULTURA      DER KULTURBEFÖRDERNDE FÜLL

Burguês Idílio, ou fábula-cometa surge, ao levar-se ao bolso uma caneta.

Ein wünschbar bürgerlich Idyll erschafft, wenn du ihn trägst, der Füll.

Pois, espetada a capricho, ela aponta direto e acima uma dourada ponta.

Er kehrt, nach Vorschrift aufgehoben, die goldne Spitze stets nach oben.

Se em quatro pés ficasses como bicho a seiva se esvairia num esguicho.

Wärst du ein Tier und sprängst auf vieren, er würde seinen Saft verlieren.

Leva a caneta em ponta (Eis o trato: para que não caias nunca de quatro). (MORGENSTERN, C. *Id. Ibidem.* Trad. Uchoa Leite, 1983: 75).

Trag einen Füll drum! (Du verstehst: Damit du immer aufrecht gehst.)

A série *Anotações*, publicada em *A ficção vida* (1993), composta por 18 poemas é bom exemplo dessa utilização do universo grotesco e estranho na obra de Sebastião Uchoa Leite. O próprio título da obra retrata uma série de registros instantâneos que a atmosfera urbana fornecia como ambiente de linguagem para a sua produção poética.

Em *A obra lírica* (1993: 79), anotação n° 9, há uma série de elementos do âmbito real da cidade do Rio de Janeiro, como o Campo de Santana, que é um parque localizado na Praça da República no centro da cidade do Rio de Janeiro, como também é referência por estar nas proximidades de onde ocorreu a Proclamação da República em 1889.

## Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

Certa vez vindo da lateral  
 Do Campo de Santana  
 E entrando célere  
 Na Azeredo Coutinho  
 Direção: Arquivo  
 Como um Josef K qualquer  
 Deparei-me  
 Com algo da espécie  
 Dita “humana”  
 De cócoras  
 Pondo ali seu ovo  
 Atravessei e pensei  
 Que ali era  
 A obra no sentido literal

No poema, há a descrição da imagem do eu-lírico relatar sobre um evento, certamente casual, em seu passeio entre o parque carioca, de maneira rápida traça a sua rota pela Rua Azeredo Coutinho, em Direção ao Arquivo Nacional. O eu-lírico ao se referir como um “Josef K qualquer”, remete a obra de Franz Kafka, intitulada de *O Processo* (1925), onde a personagem principal é o senhor Josef K, uma personagem conflituosa, que tem medo do que o futuro pode oferecer, sofre um processo, no qual nem sequer sabe os motivos que o levaram para tal evento e termina sem explicação.

O eu-lírico que observa a cena, se depara com outra pessoa “Dita ‘humana’”, a qual lhe causa tamanho incômodo, explora com o significado de “obrar/defecar”, colocando deste modo a vertente considerada sublime “a obra lírica” com o grotesco, ou seja, o seu lado rebaixado “defecar”, colocando desta forma em igualdade de significância.

A visão da urbe está mais ligada ao *locus terribilis* do que ao topo clássico do *locus amoenus*, seguindo, deste modo, a visão de cidade de Baudelaire. O *voyeur* extrai das cenas urbanas personagens anônimos das ruas: miseráveis, loucos, deficientes físicos. Ao se deparar com a espécie dita “humana”, o eu antilírico flagra a sobrevida no grande centro. Note-se que a malícia do título atinge a crítica ao sentimentalismo. Ao jogar com os sentidos de obrar/defecar, o poeta esvazia o conceito de obra lírica, tal como definida desde Hegel, isto é, como obra do espírito, para enfatizar a contingência material da condição humana. O poeta ressalta assim impossibilidade de criação poética que seja imune a esta realidade do ser.

Andrade, P; Siqueira, D. B. – A ironia e o grotesco na poesia

O mesmo se reescreve no poema “O sobrevivente”, cujo título antecipa o ambiente de ruína e degradação da integridade humana:

Outras vezes se passa  
 Na Azeredo Coutinho  
 E ali vê-se  
 Outro espécime  
 Da “humanidade de cócoras”  
 (Marcel Mauss)  
 Uma louca  
 Discute consigo mesma  
 Hamlet aos brados  
 (“Ó minh’alma profética!”)  
 Rápido contorno  
 Este “ser ali”  
 Em alto regozijo  
 Do meu perfeito juízo (p. 81)

Mais uma vez, ao percorrer pela rua habitual depara-se com outra figura estranha. Perplexo, mal a identifica como parte da espécie humana, pela sua condição miserável e o nível de degradação. Para narrar a insólita cena de uma louca discutindo consigo mesma, o poeta tece uma rede de intertextualidade em que os fragmentos literários contaminam uns aos outros, a exemplo do personagem shakespeariano que transita aos brados pelo poema.

## Considerações finais

Sabendo que Sebastião Uchoa Leite é tradutor da poesia morgensterniana, é possível averiguar a inclusão da ironia e do grotesco em sua poética. Deste modo, se torna palpável o recorte para a análise do tema. É necessário esclarecer algumas diferenças, a poética de Christian Morgenstern apresenta aforismos, ou seja, uma abordagem filosófica que pode transmitir um caráter moral, enquanto que Sebastião Uchoa Leite se atenta a criticar o sistema através do rebaixamento do sublime, contrariando deste modo à posição de que a tradição é intocável, pelo contrário é possível estabelecer inúmeros outros tipos de relações.

## Referências bibliográficas

- ALLEMANN, BEDA. Ironie als literarisches Prinzip. In: SCHAEFER, A. (ORG). *Ironie und Dichtung*. München, 1970: 11-37.
- ANDRADE, PAULO. *O poeta espião: configuração do sujeito em Sebastião Uchoa Leite*. Tese de doutorado. UNESP/ARARAQUARA, SÃO PAULO, 2005.
- BOBKOVÁ, MILADA. *Christian Morgenstern zur Dada-Poesie*. Diplomarbeit. Brünn, 2007. Disponível em: <[http://is.muni.cz/th/64384/ff\\_m/Diplomarbeit.3.pdf](http://is.muni.cz/th/64384/ff_m/Diplomarbeit.3.pdf)>. (Acesso em: 08/07/2014).
- CARROLL, LEWIS. *Aventuras no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- KAFKA, FRANZ. *O processo*. Trad. do alemão e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- KAYSER, W. *O grotesco*. Trad. J. Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KRETSCHMER, Ernst. Ironie. In: Die Welt der Galgenlieder Christian Morgensterns und der viktorianische Nonsense / von Ernst Kretschmer. Berlin ; New York: de Gruyter, 1983: 114-126.
- MORGENSTERN, CHRISTIAN. *Canções da Força*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1983.
- ROSENFELD, ANATOL. A visão Grotesca. In: *Noah/noaj: revista literária / Asociación Internacional de Escritores Judíos en Lengua Hispana y Portuguesa* – n. 16/17 (jun. 2007) – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007: 127-136.
- SANTA RITA, ANA CAROLINA ROCHA. A imagem da destruição na poética de Joaquim Manuel Magalhães e Sebastião Uchoa Leite” In: *Anais II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais: Nossas Letras na História da Educação*. Mariana/MG, 2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1214.pdf>>. (Acesso em: 10/05/2014).
- UCHOA LEITE, SEBASTIÃO. No planeta de Morgenstern. In: *Canções da força*, de Christian Morgenstern. São Paulo, Roswitha Kempf Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A ficção vida*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1993.